

FORMULAÇÕES DO POLÍTICO E DO ECONÔMICO NA CONTEMPORANEIDADE: OS IMIGRANTES DE LUIZ RUFFATO E SERGIO CHEJFEC

PAULO CÉSAR THOMAZ

RESUMO

Os romances “Estive em Lisboa e lembrei de você”, do escritor brasileiro Luis Ruffato, e “Los incompletos”, do argentino Sergio Chejfec, conformam narrativas cujos protagonistas, por diferentes razões, deslocam-se de certa geografia nacional a um território estrangeiro. Infiltrados nesses trânsitos reconhecemos duas formulações distintas do político e do econômico: enquanto Ruffato vincula diretamente o lançar-se ao abismo de suas personagens à ordem tardo-capitalista esboçada, por exemplo, pelas linhas medulares das teorias sociológicas recentes, Chejfec arrasta as suas por um entendimento mais abstrato, hipotético e indefinido da existência na contemporaneidade. O descaro do neoliberalismo em suas formas mais nefastas presentifica os modos da economia como modos da experiência na América Latina atual, são eles que orientam os passos de Serginho, personagem central do texto de Ruffato, ao avançar sobre Lisboa com o propósito de driblar a ruína que o subtraía de uma pacífica existência em sua terra natal. Em contrapartida, Félix, a personagem de Chejfec, parte para territórios impróprios e incompletos que ora ganham nomes, como Moscou, ora se diluem no anonimato, para expressar os frágeis e impossíveis contornos que o legado identitário moderno insiste em sedimentar.

PALABRAS CLAVE:

Narrativa contemporânea | Luiz Ruffato | Sergio Chejfec | Identidade nacional | Neoliberalismo.

ABSTRACT

The novels “Estive em Lisboa e lembrei de você”, by brazilian writer Luis Ruffato, and “Los incompletos”, by argentine writer Sergio Chejfec, present main characters who by various reasons are set in displacement from a given national geography towards a foreign territory. One can recognize two different formulations of the politics and of the economy within such transits: whilst Ruffato links directly his character jump into the abyss to the drafted late capitalist order, Chejfec drags his characters throughout an understanding of the existence in contemporaneity which is more abstract, hypothetical and indefinite. The effrontery of neoliberalism in its most evil forms turns economy into experience in present Latin America. Those are the steps taken by Serginho, main character of Ruffato’s novel, while he moves onto Lisbon aiming to escape the ruins of his homeland. On the other hand, Félix, Chejfec’s character, departs towards innappropriate and incomplete territories, either named as Moscow or dissolved in an anonymity which expresses the frail and impossible contours the identity legacy settles.

KEYWORDS:

Latin American narrative | Luiz Ruffato | Sergio Chejfec | National identity | Neoliberalism.

Multiterritorialização

Nas últimas décadas, não há dúvida, constatamos, desde diferentes disciplinas das ciências humanas, a intensificação da circulação – material e imaterial – de bens e pessoas, primeiramente no âmbito de fronteiras circunscritas a determinada nacionalidade, para logo

observá-la em geografias estrangeiras. Ainda que atinja as regiões do mundo de forma desigual, uma das preocupações mais relevantes dos estudiosos tem sido justamente dar conta da complexidade e da especificidade desse fenômeno na contemporaneidade. Nesse sentido, por exemplo, a ampla e interdisciplinar pesquisa do geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (2011), reunida no livro *O mito da desterritorialização*, contribui com o debate ao colocar em cheque o discurso da desterritorialização, por meio do aprofundamento da discussão sobre o conceito de multiterritorialidade.

Constituído como um “mito” para o autor, o conceito de desterritorialização estaria impossibilitado de distinguir o aspecto imanente da multiterritorialização na vida dos indivíduos e dos diferentes grupos sociais na contemporaneidade. Mais do que a desterritorialização desenraizadora, e os pressupostos ideológicos e políticos de cunho eurocêntrico que em muitos casos a sustentam, teríamos, em seu lugar, um permanente processo de reterritorialização, espacialmente descontínuo, sumamente complexo e frequentemente desigual.

Para Haesbaert, um dos aspectos regressivos de pensar em procedimentos de desterritorialização seria a demasiada simplicidade do conceito e a perspectiva política imobilizante que poderia esconder. Segundo o autor, em um mundo globalmente móvel, instável, caracterizado pela imprevisibilidade e fluidez das redes e pela virtualidade do ciberespaço, estaríamos sujeitos aos caprichos dos grupos que verdadeiramente dominam estes fluxos, redes e imagens. Outro componente negativo consistiria em que, ao nutrir conceitualmente àqueles que defendem o fim de todo tipo de obstáculo espacial, o discurso da desterritorialização legitimaria de algum modo a cessão do poder às forças do mercado, ao permitir a fluidez global dos circuitos do capital, sobretudo do capital financeiro, num mundo em que o propósito a ser alcançado passa a ser o desaparecimento do Estado.

Diante desse cenário, seria fácil demonstrar como a literatura latino-americana, e mais especificadamente a brasileira e a argentina, não está alheia ao debate sobre esses intercâmbios. Um dos elementos medulares das narrativas desses países, de expressivo valor simbólico no imaginário cultural presente, trata-se precisamente da figuração desses trânsitos físicos e culturais por territórios continentais e intercontinentais, sobretudo americanos e europeus. Alguns escritores, inclusive, vivenciaram ou vivenciam essa experiência multiterritorial e a incorporam a seus projetos estéticos, de diferentes modos, como é o caso, muito difundido e discutido nos últimos anos pela crítica literária, das personagens de diferentes romances do escritor chileno Roberto Bolaño¹.

Anos pós-ditatoriais

Concomitantemente, outro aspecto que sobressai no que podemos chamar de “tarefa literária” de parte da produção narrativa latino-americana mais recente tem consistido na configuração de universos ficcionais em que uma série de formulações, declaradamente de ordem política e econômica, ganha relevo. Ao incorporar às suas narrativas – implícita e explicitamente – enunciados teórico-conceituais derivados de diferentes áreas do conhecimento (sociologia, filosofia e economia), que denunciam sobretudo o caráter dissociativo e desintegrador da sociedade atual, diferentes escritores, entre eles os autores que fazem parte do corpus deste estudo, tensionam a interpretação do presente e fazem que suas poéticas, em nosso entender, atuem também como um saber aproximativo sobre a contemporaneidade, entendido “não como um discurso que arbitre ou faça uma espécie de mediação entre a realidade e sua suposta importância, mas entre as versões culturais que se disputam o significado do presente” (Chejfec, 2005, p. 26).

1.- A título de ilustração, podemos citar, entre outras, a personagem protagonista do romance *Amuleto* (Bolaño, 1999), Auxilio Lacouture, uruguaia que se desloca para a cidade do México na década de 1960.

Não foram poucos os danos políticos, econômicos, éticos e culturais causados pelo exercício do poder autoritário na vida cotidiana da América Latina entre as décadas de 1960 e 1980. Renovadas pelas lógicas neoliberais das últimas décadas, estas implicações nefastas parecem ainda de algum modo orientar, como expomos acima, o eixo narrativo de textos ficcionais recentes. Assim, não podemos desestimar que a hegemonia das correntes neoliberais na América Latina das últimas décadas, em suas mais diversas materializações e matizações, forçou os Estados nacionais do continente a implantar um programa de desmanche e aniquilamento das estruturas coletivas que, quem sabe, teriam permitido uma maior democratização e republicanização dessas sociedades². O predomínio de um mercado comandado pela racionalidade técnica, que opera zeloso dos interesses do capital financeiro e com o propósito de alcançar proveitos e lucros em um curto espaço de tempo, tem negado, sem dúvida, o fortalecimento dos espaços públicos e a transparência nas disposições econômicas e políticas fundamentais. Esta ordenação dificulta que se formem experiências e comunidades políticas capazes de fundar sua alteridade como conflito e diferenciação crítica³. Sendo assim, podemos dizer que os escritores latino-americanos não estão alheios a essa imprevista configuração do social no contemporâneo, maquinada pela dissolução das esferas pública e privada e sobre a base da predominância da economia. É de se presumir, portanto, que resíduos desse tardo capitalismo liberal, com feitiços democráticos precários⁴, exercido sobre a vida e o trabalho de milhões de latino-americanos, disparem narrativas literárias que, muitas vezes, figuram por meio de suas propostas estéticas precisamente o encolhimento das redes sociais, a desproletarização, a informalização da população, a despacificação da vida cotidiana, a desertificação organizativa, e a indiferença da sociedade a determinados sujeitos sociais e territórios urbanos – sem desestimar, igualmente, os contornos abstratos e metafísicos que essas questões podem conter.

No entanto, cabe assinalar que estas práxis ficcionais conformam-se, particularmente, em um contexto em que a emancipação pelas letras observa certo esgotamento de suas forças como prática cultural e como resolução imaginária e simbólica do subdesenvolvimento latino-americano, embora esta desidratação simbólica pela que passa a literatura não seja exclusiva desta expressão cultural, pois atinge as demais práticas discursivas da contemporaneidade. Porém, como assinala Idelber Avelar:

Se a literatura já não pode ser a redenção substitutiva em que a antologia otimista e positiva do boom quis convertê-la, também pode ser cedo para render-se ao discurso apocalíptico, pronunciar sentenças de morte sobre o literário e começar a buscar objetos substitutórios sobre os quais aplicar o mesmo otimismo positivo. (Avelar, 2003, p. 33)

Modos da economia, modos da ficção

O escritor Luiz Ruffato possui uma obra literária extensa e a difusão de seus romances tem se ampliado nos últimos anos em âmbito nacional e internacional, tanto entre o público leitor quanto entre os críticos. Os temas e problemáticas em suas obras são usualmente recorrentes: presididas por um conceito de responsabilidade ética e orientadas a figurar a

2.- Em Alegorias da derrota. A ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina, Idelber Avelar (2003) intui, na contra mão de algumas teses da sociologia, entre elas a do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que as ditaduras latino-americanas foram nada mais que um passo para a implementação do neoliberalismo no continente.

3.- Para as sociólogas Cibele Saliba Rizek e Maria Célia Paoli (2007) os anos 1990 significaram a destruição de quase todas as formas e caminhos, institucionais e não institucionais, pelos quais se conduzia o debate sobre as potencialidades da democracia e da democratização brasileiras. As autoras apontam a perda da potência da política como destruição das possibilidades do campo político como solo e meio pelo qual se poderia aprofundar e realizar a disputa democrática.

4.- Michael Foucault (2008) já identificava nas primeiras formas do liberalismo do século XVIII o paradoxo de que esta corrente de pensamento devia construir os mecanismos para a fluidez controlada da liberdade em uma direção não prejudicial para o conjunto da sociedade, mas que com isto corria o risco de destruir aquilo que desejava criar.

decomposição de determinada ordem social e política, as narrativas de Ruffato, povoadas de personagens egressas da classe média baixa brasileira, do operariado do país, articulam um imaginário literário desmistificador, ávido por compreender e ficcionalizar um novo regime de marginalidade avançada no país, alimentado, entre outros, pela incompleta modernização da sociedade, pela instabilidade estrutural do trabalho assalariado e pela retração do estado social⁵. O escritor deixa claro, em diferentes entrevistas, que deseja construir um projeto literário que procure reconverter a literatura precisamente em um discurso social privilegiado no meio cultural, para dar conta das trágicas mudanças que se sucedem na cena política, econômica e social brasileira recente.

Nesse projeto cobra importância a repetida localização espacial das narrativas do escritor mineiro em um espaço específico, sua cidade natal Cataguases, convertida em um destacado referente biográfico, além das estratégias utilizadas para a construção de certo aspecto “testemunhal” nos relatos, como, por exemplo, as falsas referências à autoria dos textos, como se tivessem sido reunidos “diretamente” das personagens que os protagonizam. A minuciosa descrição da toponímia e do mobiliário urbano das cidades em que se desenvolvem as tramas das narrativas igualmente faz parte desse conjunto de elementos que funcionam, em nosso entender, no sentido de levar o leitor e a crítica a atentar para a historicidade e a referencialidade de sua poética.

Estive em Lisboa e lembrei de você insere-se, sem dúvida, nesse conjunto de textos, ainda que participe particularmente de um projeto editorial intitulado “Amores expressos”, em que diferentes escritores receberam o encargo de escrever uma história de amor que se desenvolvia em determinada cidade. Não há dúvida que as escolhas das cidades e dos escritores obedeceram a critérios de mercado, ainda que não houvesse restrição – principalmente aos escritores mais conhecidos – de temas e abordagens. Além disso, o romance tem um parentesco com outra obra intitulada *De mim já nem se lembra*, narrativa epistolar de Ruffato, em que o narrador/autor, supostamente o próprio escritor, encontra uma caixa que contém cartas escritas pelo irmão, vitimado em um acidente, endereçadas à mãe. A história se passa em Cataguases e em São Paulo e relata igualmente um percurso migratório, muito comum no Brasil dos anos 1960-1970: o deslocamento entre cidades do interior do país para a recente industrializada capital paulista. Este recurso de conferir ao texto um caráter testemunhal igualmente está presente em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, pois ao início o autor apresenta uma nota em que afirma que o depoimento foi gravado e transcrito pelo escritor, novamente estabelecendo um jogo entre o leitor e o aspecto “verídico” e referencial do texto.

Desproletarização

Isto posto, *Estive em Lisboa e lembrei de você* tem como protagonista Serginho, um jovem, residente da cidade de Cataguases, que decide, por razões de ordem econômica e individual, imigrar para Lisboa. O argumento da narrativa estrutura-se sobre os motivos que o levaram a deslocar-se para a Europa e os desacertos de sua permanência na capital portuguesa. A escolha do depoimento como forma fortalece o efeito biográfico como dissemos anteriormente, ainda que não seja apenas a esfera interior que se delineia para o leitor. Assim, para além de um inovador uso das variantes linguísticas do português de Portugal e do português do Brasil, há no romance um sistema político e econômico de contornos catastróficos ordenando e moldando o enredo e a fluidez “espontânea” da voz que narra.

5.- Em Párias urbanas, de Loïc Wacquant (2007) nos deparamos com algumas ferramentas que nos ajudam a entender os processos de segregação social e de violência no entorno das grandes cidades latino-americanas. O encolhimento das redes sociais, a desproletarização, a informalização da população, a despacificação da vida cotidiana, a desertificação organizativa, a crescente relevância do comércio informal de drogas, a guerra que a mão repressiva do Estado, declarou contra os pobres fazem parte desses processos assinalados pelo autor.

Desde essa perspectiva, um componente importante do romance, estopim da partida de Serginho, é a constituição do espaço laboral em Cataguases, sua cidade natal. Notadamente, há uma espécie de desertificação laboral em razão da supressão das “obsoletas” atividades produtivas da região. Ainda que não encontremos no texto referências aos motivos desse desaparecimento – estamos retidos na voz do narrador –, em nosso entender, esse desvanecimento aparentemente “natural” é algo que nos remete diretamente aos efeitos da concorrência mercantil globalizada dos anos 1990, que, segundo estudiosos, teria aplicado um duro golpe nos esforços desenvolvimentistas de industrialização empreendidos, na ocasião, pelos países em desenvolvimento.⁶

Em meio a essa situação, a personagem, em seu desejo de em alguma etapa de sua vida circular por espaços sociais reservados à elite econômica e social, desloca-se para a capital portuguesa, atraída pela injeção provisória de capital nos países pobres da Comunidade Europeia. Porém, em Lisboa, o protagonista encontra igualmente um cenário laboral caracterizado pela precariedade e informalidade. O trabalho irregular e sem contrato atendendo mesas, os passeios por Lisboa sob a ameaça permanente da polícia, o preconceito que sofre por causa de sua origem são elementos do relato que figuram esse imaginário em que o encolhimento das redes sociais, a desproletarização e a informalização da população dramatizam as contradições das sociedades atuais observadas em uma multiplicidade de discursos teóricos.

Territórios de invisibilidade e exclusão

Assim, além sublinhar a diferença entre deslocar-se livremente e ser forçado pela necessidade, a mobilidade de diferentes personagens do romance acompanha a vulnerabilidade e o estigma que permeiam o trânsito físico da personagem protagonista nessa busca por estabilidade. A personagem Sheila, por exemplo, a jovem brasileira pela qual Serginho se apaixonou em Lisboa, condensa metonimicamente em seu itinerário de vida diferentes sequelas das excludentes e negativas políticas de Estado às quais nos referimos anteriormente. Abandonada pelo progenitor masculino, com precária formação educacional, expulsa do meio rural, vítima de violência e arrastada para a indiferença e informalização do mercado trabalhista das grandes cidades, esta personagem feminina atravessa o oceano para ocupar outro território de invisibilidade, preconceito e exclusão, levando-nos a pensar como as tecnologias que fabricam a plausibilidade da negação dos direitos e da indiferença em que são jogados os relegados do sistema possuem apenas uma roupagem diferente em ambos os lados do atlântico.

Notadamente, em todo o relato não se vislumbra em nenhum momento estruturas e ações coletivas no sentido político que se definam na direção da desarticulação destas desigualdades de classe, de lugar e de origem. Não é por acaso que inúmeros estudiosos latino-americanos têm utilizado as teses do filósofo italiano Giorgio Agamben (2006), sobre os campos de concentração de Auschwitz como paradigma para caracterizar a particular situação de alguns dos países em desenvolvimento nos quais a desqualificação de certas vidas salta à vista, como as personagens de Ruffato nesta narrativa, desempregados transformados em puro resíduo da ordem neoliberal ou em imigrantes ilegais que se deslocam para as metrópoles globais, neste caso Lisboa.

Diante disso, portanto, podemos afirmar que Ruffato, seguindo a estratégia de outras narrativas, como as cinco obras que compõem seu projeto “Inferno Provisório”, conforma personagens e tramas que expressam a existência de um sistema social, político e econômico

6.- Roberto Schwarz (1993), em resenha sobre a obra *O colapso da modernização*, de Robert Kurz, assinala como a concorrência global havia atrofiado a produtividade contemporânea, tornando sem uso parte das atividades produtivas do planeta. Isto converteria os esforços desenvolvimentistas empreendidos por países em desenvolvimento em anacrônicos e obsoletos. O efeito do “fracasso” levaria ao aparecimento na década de 1990 de sociedades pós-catástrofe onde a ruína seria a tônica.

de feitos catastróficos, marcado pela exceção e pela dissolução de sujeitos políticos e de seus territórios de demandas e exigências mínimas. Dessa maneira, o escritor representa ficcionalmente algumas das principais tensões e contradições com as que se elabora o pensamento social sobre a América Latina na contemporaneidade.

Social abstrato

O escritor argentino Sergio Chejfec possui igualmente uma consolidada obra narrativa e em algumas delas, podemos dizer, determinadas formulações do político e do social obtêm destaque como, por exemplo, nos romances *El aire* (1992), *Boca de Lobo* (2000), e *Los planetas* (1999). Porém, cabe dizer que este projeto estético se configura de um modo muito particular e avesso ao repertório ficcional de pautas realistas de parte da produção narrativa contemporânea. Segundo Chejfec (2005), sua poética pretende aproveitar o social e o político para sobrepor camadas de sentido que tornariam ainda mais complexas a relação entre literatura e vida social. Importa-lhe construir um objeto ficcional diferenciado, independente da vida corrente, mas não tão independente ao ponto em que se dilua todo vínculo entre ambos. Para o escritor, em entrevista a Mariano Siskind, “Si la literatura tiene alguna posibilidad de acercarse a lo social, a lo político y a lo histórico, esa posibilidad pasa por evitar la referencia directa y en cambio elaborar los significados de lo social de manera metafórica” (Siskind, 2005, p. 40). É importante destacar, do mesmo modo, que o procedimento ficcional medular das narrativas de Chejfec consiste em um avançar por associações de ideias e conceitos e não pela continuidade episódica de uma intriga ou tensão narrativa.

Desertos da urbanidade

A título de ilustração, em *El aire*, escrito em 1992, a desproletarização e a desertificação econômica furtivamente se embrenham pelo espaço urbano em que se desenvolve a intriga. Além disso, a cidade do relato parece retroceder ao campo, desfazer-se em um caminho de regresso a um capitalismo primário. O empobrecimento da zona em que vive a personagem protagonista, Barroso, por exemplo, é tamanho que uma das formas que essa miséria adquire é a possibilidade de obter alimentos, em um supermercado, por meio da troca por garrafas de vidro. Essa supressão da moeda denuncia o particular funcionamento da desigualdade e da marginalização social dessa zona, cumprindo uma espécie de processo de desintegração, de retorno a um estado arcaico ou até mesmo à barbárie segundo a ótica de alguns críticos.

Por outro lado, em *Boca de lobo*, romance publicado em 2000, podemos advertir uma perspectiva sociológica bastante peculiar que emerge das observações do narrador sobre a precariedade operária das personagens da narrativa. Por meio de uma teoria pouco convencional e até mesmo anacrônica sobre a classe operária, na qual a personagem de nome Delia seria vista como representante arquetípica, conhecemos a situação de miserabilidade e estranhamento em que vivem os operários de uma fábrica, provocada diretamente pelo trabalho que exerciam. A todo o momento notamos o maquinário e a cadeia de montagem consumindo e mercantilizando a vida das personagens, cuja força vital seria controlada a ponto de transformar a própria natureza das personagens: “Delia bajaba cansada del colectivo; la fábrica consumía de manera lenta, y con paciencia, la fuerza de los obreros” (Chejfec, 2000, p. 68). Podemos entrever no romance até mesmo alguns matizes antecipatórios entre o cenário de ruínas pós-industrial construído pela narrativa e os processos de derrocada econômica e social vividos pela Argentina posteriormente.

A toxidade do Estado nacional

Em *Los incompletos*, a personagem narradora recebe e lê cartões-postais que um amigo de nome Félix, espécie de imigrante/viajante, envia-lhe desde distintos lugares e países.

Em folhas com cabeçalho de hotel ou em toscos cartões-postais, o amigo, em sua mobilidade definitiva por países estrangeiros, não deixa de lhe enviar mensagens erráticas a partir das quais o narrador conforma suas ações e pensamentos. Ainda que seja possível pressupor um fundo comum que os acerquem, a articulação e recomposição de situações e acontecimentos na obra não derivam de um conjunto de experiências ou referentes em algum momento compartilhado por ambos. Podemos afirmar que as cartas abrem um flanco direto para abstração, para um mundo imprevisível que se constrói sobre o silêncio e o vazio de notícias, sem a sustentação de alguma referencialidade ou historicidade.

Assim sendo, os motivos que determinam que Félix se desloque por países estrangeiros estariam relacionados supostamente – estamos sempre no campo hipotético – a um difuso sentimento por afastar-se dos próprios vínculos de nacionalidade, e dos respectivos efeitos emocionais decorrentes desses vínculos. O propósito seria assumir outros que pudessem protegê-lo da nocividade de um único Estado. Ainda que não se delinieie exatamente as razões desse Estado constituir-se como uma ameaça, podemos dizer que, simbolicamente, estariam relacionadas a certo sentimento abstrato de aridez e desolação presentes nos territórios percorridos por Félix. Além disso, a personagem parece querer desfazer-se dos aspectos mais próprios⁷ de sua identidade moderna em uma contínua reterritorialização, que, no entanto, em nenhum momento se conforma como um processo exemplar ou edificante. Soma-se ainda outro componente a essa mobilização de Félix: sua firme convicção – um dos poucos elementos de certa solidez apontados pelo narrador – sobre o pouco valor psicológico da própria vida, cuja interioridade seria quase inexistente. Por isso deveria completar-se ou tentar ao menos emprestar elementos insubstanciais de vidas análogas.

Desse modo, em meio à deriva das percepções de Félix e das reflexões por vezes opacas do narrador constrói-se a dimensão inquisitiva do texto: o próprio do ser humano conforma-se de um vazio definitivo, em um mundo pleno de mecanismos destrutivos, como uma “máquina suicida”. O texto articula esse universo expandindo de maneira quase alegórica e por meio da reiteração os significados simbólicos e abstratos dos elementos que compõem os territórios urbanos – Buenos Aires, Barcelona e Moscou – que Félix atravessa: os rumores dos hotéis desabitados, as baixas temperaturas, os silêncios, os espaços intermináveis e impossíveis muitas vezes de conter com o pensamento, a incomunicação entre as personagens etc. Conformam-se, assim, uma ordem existencial fugidia e múltipla, de geografias variáveis e inabarcáveis, que precisamente dilui a espacialidade em que se desenvolve o exíguo argumento do romance com o propósito de afastar-se da estabilidade de alguma referência histórica mais definida.

Mobilidade aterradora

No entanto, a narrativa em certo momento desemboca de maneira mais pronunciada na experiência de mobilidade das personagens, quase todas latino-americanas: as marcas de seus movimentos migratórios levam a personagem protagonista, Félix, a deter-se, ainda que de modo superficial, sobre as causas, os percursos, as viagens clandestinas, as trocas de identidade, em todos os elementos inerentes àqueles que vivenciam a desterritorialização como processo de exclusão sócio-espacial. Além disso, com o avançar da narrativa, um pequeno boneco sem um dos membros, largado em meio a um desabitado conjunto de edifícios nos limites de Moscou, condensa, do mesmo modo, os sinais de decrepitude e abandono que permeiam o texto e que se derramam metaforicamente às demais personagens que vivenciam essa experiência de mobilidade e multiterritorialização, se adotamos a terminologia de

7.- Na filosofia política os termos vida “própria” e “imprópria” adquirem significados específicos que de algum modo podemos vincular com os usos que o romance faz desses termos. Conferir, por exemplo, de Timothy C. Campbell (2011), *Improper life: Technology and biopolitics from Heidegger to Agamben*.

Haesbaert. Ademais de representar para o narrador o único ser completo, o percurso que esse brinquedo semi-destruído realizou para chegar a esse pátio abandonado novamente ativa em Félix pensamentos sobre a dimensão catastrófica da mobilidade e da expropriação forçadas: “Por su parte Félix comparó la presencia del muñeco con la vida insegura o clandestina de los perseguidos, que al final de la vida resultan también los más olvidados: el migrante pobre, el evadido, los segregados em general” (Chejfec, 2004, p. 153).

Dessa feita, observamos em *Los incompletos* uma difusa ordem metafísica como princípio codificador do mundo, que problematiza aspectos da mobilização migratória ao passo que explora a dimensão abstrata da existência humana. Não há uma experiência a ser restituída ou recolhida, em termos benjaminianos, nesse trânsito de Félix e das demais personagens por geografias de outros países. Assim, o artifício da representação ficcional se impõe ao vazio de informações que marca a ausência, um simulacro de realidade, sustentado por seres precários, marcados pela exclusão e precarização, emerge imprevisível e definitivo.

Sensibilidade ética

Pretendemos demonstrar com estas análises o funcionamento de algumas propostas poéticas latino-americanas que incorporam a representação de determinadas formulações do político e do econômico na contemporaneidade, ademais dos trânsitos por territórios intercontinentais. Não há dúvida que Ruffato e Chejfec constroem universos ficcionais partindo de pressupostos distintos, ainda que compartilhem a mesma sensibilidade ética com respeito ao ocaso em que a gestão das sociedades na atualidade lança parcelas significativas da população. Dessa maneira, apesar de as hierarquias e centralidades das escritas de ambos os escritores serem distintas, desembocando por suposto em uma constituição ficcional diferenciada, a representação do social e da multiterritorialização sobressai em ambos universos literários, reivindicando e denunciando vínculos entre ética, cultura, política, economia, moral, sem desestimar um lugar para o múltiplo, o errático e o inexplicável.

Bibliografia

- Agamben, Giorgio (2006). *Homo Sacer. El poder soberano y la nuda vida*. Valencia: Pre-textos.
- Avelar, Idelber. *Alegorias da derrota (2003). A ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Bolaño, Roberto (1999). *Amuleto*. Barcelona: Anagrama.
- Chejfec, Sergio (1992). *El aire*. Buenos Aires: Alfaguara.
- Chejfec, Sergio (2000). *Boca de lobo*. Buenos Aires: Alfaguara.
- Chejfec, Sergio (2004). *Los incompletos*. Buenos Aires: Alfaguara.
- Chejfec, Sergio (2005). *El punto vacilante*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.
- Foucault, Michael (2008). *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Haesbaert, Rogério (2011). *El mito de la desterritorialización: del “fin de los territorios” a la multiterritorialidad*. México: Siglo XXI.
- Ruffato, Luiz (2007). *De mim já nem se lembra*. São Paulo, Moderna.
- Ruffato, Luiz (2009). *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo.
- Rizek, Cibele Saliba; Paoli, Maria Célia (2007). “Depois do desmanche”. Em Oliveira, Francisco de; Rizek, Cibele Saliba. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boi Tempo, pp. 7-11.

Schwarz, Roberto (1993). “O livro audacioso de Robert Kurz”. Em Schwarz, Roberto. Sequências brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 182-188.

Siskind, Mariano (2005). “Sergio Chejfec” (Entrevista). Em *Hispanamérica. Revista de literatura*. Nº 100, pp. 35-46.

Wacquant, Loïc (2007). *Parias urbanos. Marginalidad en la ciudad a comienzos del milenio*. Buenos Aires: Manantial.

Paulo César Thomaz

Doutor e professor adjunto da área de literaturas hispânicas da Universidade de Brasília, dedicando-se ao estudo da literatura argentina e brasileira contemporâneas.

Email: plthomaz@unb.br